

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

UM 1º DE MAIO DE LUTAS E DE MANIFESTAÇÕES contra a ditadura fascista

O «Avante!» pode dar neste número especial do 1º de Maio mais informações sobre as acções da classe operária e das massas populares na comemoração desta grande jornada de luta contra a ditadura fascista.

A classe operária segue a voz do Partido

A jornada do 1º de Maio, dia da solidariedade e da unidade do proletariado internacional foi, pelo terceiro ano consecutivo, comemorada em Portugal sob as palavras de ordem do Partido, que correspondem às grandes aspirações actuais do povo português — «Pão e Trabalho!», «Paz em Angola e na Guiné!», «Amnistia!», «Liberdade!», «Democracia!», amplamente divulgadas por todo o país, em centenas de milhar de manifestos e tarjetas, em inscrições nas paredes, muros e estradas de Portugal e através da Rádio Portugal Livre.

Uma jornada política

Mais uma vez a comemoração do 1º de Maio em Portugal, que teve um carácter essencialmente político, mesmo nos locais onde tomou o aspecto de lutas reivindicativas, tal como a greve dos pescadores do Algarve, decorreu sob uma violenta vaga repressiva. Particularmente em Lisboa, a repressão teve um carácter sangrento. A

PIDE matou um trabalhador e feriu outros manifestantes. Este crime da PIDE e do Governo, que o Ministro do Interior mais uma vez cobriu com a sua autoridade, ocultando os criminosos e declarando cinicamente num comunicado que o sangue tinha corrido devido aos tiros trocados «entre civis», des-

cobriu mais uma vez aos olhos do nosso povo e do mundo inteiro qual o tipo de paz social e política reinante em Portugal.

Na vanguarda da Unidade

Pela sua valente acção de vanguarda, pela sua combatividade, (continua na 2ª pág.)

A MANIFESTAÇÃO DE LISBOA

— FUSILARIA DA P.I.D.E. JUNTO AO PALÁCIO FOZ —

É difícil calcular exactamente, devido à acção das forças repressivas, o número dos manifestantes que se movimentaram no centro de Lisboa e em locais periféricos. Podemos sem receio afirmar, no entanto, que foram muitos milhares.

Segundo o relato vivo dum participante na manifestação, «no Largo do Rato, tal como noutros pontos de Lisboa, juntaram-se pelas 18,30 alguns grupos de operários e estudantes que não conseguiram romper, indo calados até à Baixa e seguidos por carros da polícia.»

«O Rossio começou a encher-se às 18,45 h havendo grande número de operários incitando a que todos «agitassem». Pouco depois conseguiu-se uma concentração que, aos gritos de «Temos fome!», «Viva a Liberdade!», «Paz em Angola e na Guiné!» e «Abaixo o fascismo!», foi até aos Restauradores e, diante da sede do S. N. I. (o organismo responsável da propaganda fascista), no Palácio Foz, deu alguns gritos. Manifestantes agueirados apedrejaram o S. N. I. e enfrentaram à pedrada a polícia. Ao pé do Café Palladium surgiram 4 pides armados que descerregaram sobre os manifestantes rejadas de pistola-melrihadora, assassinando o trabalhador DAVID ALMEIDA REIS e ferindo outros manifestantes. Alguns manifestantes conseguiram agarrar um agente da PIDE e dar-lhe uma tal sova que muita gente afirma ficar admirada se ele sair dali com vida. Deu-se depois a intervenção das forças de choque da P. S. P., que efectuou prisões.

A manifestação conseguiu subir a Avenida da Liberdade. O espectáculo na Avenida foi impressionante, com todos os manifestantes a cantar «A Portuguesa»! A meio da Avenida houve uma carga da polícia, que dispersou a manifestação. O carro da água afugentou muita gente. Os operários deram provas de valentia indo ao choque com a polícia à pedrada; muitos jovens estudantes acompanharam-nos!

Outro relato diz: «... E milhares e milhares de jovens apareceram na Baixa. Muitas centenas de estudantes submersos na imensa maioria dos trabalhadores. Quem lá esteve, sabia que jogava a vida!

Houve gente intemerata que a dois metros de distância das pistolas da polícia, continuava a arremessar pedras. Ouviam-se gritos: Morra o fascismo!»

O secretário-geral do Partido Comunista Português, camarada Álvaro Cunhal, deslocou-se a Cuba por ocasião do 1º de Maio, a convite do camarada Fidel Castro e da direcção do Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba, tendo sido objecto dum recepção verdadeiramente carinhosa e entusiástica.

Esta visita reveste-se dum significado especial para o nosso Partido e para o nosso povo. Permite um conhecimento mais seguro da rica experiência da Revolução Cubana e um contacto mais estreito entre os dois povos, concretizado no estabelecimento de relações entre os dois Partidos, no âmbito do internacionalismo proletário.

Álvaro Cunhal dirigiu-se ao povo cubano, exaltou as suas vitórias e falou da luta heróica do nosso povo contra o salazarismo.

O povo cubano, unido à volta dos seus dirigentes, apoiado pelos povos de todo o mundo e com a ajuda poderosa do campo socialista, com a União Soviética à cabeça, tem sabido enfrentar as investidas da reacção fomentadas e apoiadas pelo imperialismo americano.

Álvaro Cunhal sublinhou vehementemente o lugar que a Revolução Cubana ocupa no coração dos trabalhadores portugueses e o apoio e solidariedade do nosso povo para com o povo da Ilha da Liberdade.

SAUDAÇÃO DOS TRABALHADORES SOVIÉTICOS

«Em nome dos operários e empregados soviéticos o Conselho Central dos Sindicatos da União Soviética transmite aos trabalhadores portugueses calorosas saudações fraternais pela passagem do 1º de Maio, dia da solidariedade proletária internacional e da fraternidade dos operários de todos os países. Neste dia, os trabalhadores soviéticos e os seus sindicatos exprimem novamente a sua calorosa e fraternal solidariedade e o seu apoio à luta do povo português contra o regime fascista de Salazar, pelos ideais democráticos e sindicais, pela libertação dos patriotas presos e pela independência nacional do seu país» (RPL—3/5/64).

GREVE E MANIFESTAÇÃO EM ALPIARÇA!

Correspondendo às consignas do Partido, os assalariados agrícolas da região de Alpiarça fizeram greve para comemorarem o 1º de Maio.

Temperados pelas lutas passadas, pela greve de Janeiro último, pela conquista de maiores salários, ninguém trabalhou neste 1º de Maio. Porém este ano os trabalhadores não ficaram em casa. Houve (vários almoços de) confraternização nos campos e nas casas. À tarde, (na vila,) quando estavam concentrados milhares de trabalhadores, houve manifestações aos gritos de «Viva a Liberdade!» e «Abaixo Salazar!».

O dinamismo dos trabalhadores arrastou numerosas pessoas progressistas da terra que encerravam estabelecimentos, solidarizando-se com os assalariados agrícolas.

As forças repressivas da G.N.R. não actuaram com a violência usa-

da nas manifestações anteriores, o que significa um recuo táctico da repressão imposto pelas lutas unidas, firmes e combativas do povo de Alpiarça que, a pouco e pouco, vai conquistando o direito de se manifestar.

Esta magnífica jornada do 1º de Maio havia sido precedida de valerosa agitação e da derradeira homenagem prestada à filha do povo de Alpiarça Maria Albertina, membro do P.C.P., falecida na clandestinidade, uma vida dedicada à causa do povo, comparecendo ao seu funeral milhares de trabalhadores e pessoas honestas de Alpiarça. O povo de Alpiarça não esquecerá jamais os nomes de Alfredo Lima e Maria Albertina.

Trabalhadores, Povo de Alpiarça Unidos, firmes e organizados, avance na via do levantamento nacional até ao derrubamento do fascismo.

GREVE DOS PESCADORES DO ALGARVE

Depois da luta vitoriosa dos pescadores da costa Norte, no mês de Abril, ao começar a pesca da sardinha, os pescadores da costa algarvia, recusaram-se todos a aceitar as condições que os armadores lhes queriam impor, declarando-se em greve, reivindicando aumento de salários e melhores condições de trabalho. De Lagos a Vila Real de Stº António, cerca de 10.000 pescadores mantiveram-se em greve, unidos sobre a palavra de ordem: «Não saímos para o mar se as matrículas não forem a nosso contento!».

O governo salazarista, lançou as forças repressivas (G.N.R. e PIDE) contra os pescadores em greve. Quatro portos algarvios foram ocupados pela GNR com grande aparato repressivo, mas os valentes pescadores não se deixaram intimidar e prosseguiram na luta. Em Portimão e Olhão as mulheres dos pes-

cadores, acompanhadas dos maridos e filhos, e as operárias das fábricas de conserva encheram as ruas aos gritos: «Temos fome!».

Segundo as notícias que temos e que o próprio jornal «O Século» confirma, a greve foi vitoriosa.

A vitória dos pescadores algarvios, facilitada pelo ambiente político criado à volta do 1º de Maio, veio estimular as lutas que vieram a desenrolar-se na jornada do dia 1º de Maio. A solidariedade das operárias das fábricas de conservas algarvias, dos trabalhadores portugueses e da Federação Sindical Mundial foi também uma grande contribuição à luta.

Mais uma vez se demonstrou que a unidade, a organização e a luta são as grandes armas que os trabalhadores dispõem para fazer triunfar as suas reivindicações.



A JORNADA DO 1º DE MAIO

Um 1º de Maio de lutas

(continuado da 1ª pág.)
 energia e espírito de sacrifício, a classe operária e as massas populares mais uma vez confirmaram o seu papel de vanguarda na luta libertadora do nosso povo, na luta pela Liberdade e pela Democracia. Orientando-se pelas consignas do Partido, seguindo e popularizando as suas palavras de ordem para a actual fase da Revolução Democrática e Nacional, a classe operária e a juventude mais uma vez demonstraram confiar na orientação política e tática do Partido, como principal obreiro da unidade das principais forças democráticas, participantes na Frente Patriótica de Libertação Nacional.

As acções reivindicativas, as greves e manifestações políticas de massas de que são exemplo mais vincado a greve dos pescadores do Algarve, as manifestações de Lisboa, a greve e manifestação de Alpiarça, demonstraram que a classe operária e as massas trabalhadoras seguem as consignas do seu Partido, o Partido Comunista Português. Demonstraram que não se deixam desorientar pelo fraseado «esquerdista» de aventureiros políticos de última hora, pela sua demagogia e fraseologia pretensamente revolucionária inspiradas, não na ideologia do proletariado, mas sim na ideologia pequeno-burguesa, oposta aos interesses políticos da classe operária. A acção da classe operária e das massas neste 1º de Maio de 1964, apesar de inúmeras dificuldades causadas pela repressão e das deficiências de direcção e organização que se verificaram e do esquerdismo evidenciado por alguns organismos, traduzido em documentos publicados, foi o mais rotundo desmentido à teoria dos que afirmam que a clas-

se operária e as massas já estão cansadas das lutas reivindicativas, das greves e das manifestações e que esperam apenas as armas para começar a revolução.

O caminho justo

A classe operária, orientada pelo Partido Comunista, demonstrou compreender que o caminho que conduz à Revolução é aquele que o Partido lhe aponta e que seguiu mais uma vez neste 1º de Maio.

A experiência acumulada nas lutas e manifestações de massas dos últimos anos, o treino dos combatentes de vanguarda em choques com as forças repressivas, a experiência de organização e direcção adquirida, são as grandes armas que permitirão no futuro passar a formas de lutas decisivas, passar à via da insurreição popular e ao Levantamento Nacional.

A repressão fascista

Em vésperas do 1º de Maio, por todo o país as forças repressivas intensificaram o terror fascista. Centenas e centenas de prisões preventivas foram efectuadas.

As forças armadas entraram de prevenção rigorosa a 29 de Abril e já nos dias anteriores tinha sido montado um dispositivo reforçado de vigilância e repressão.

Em Lisboa, os marinheiros não puderam circular livremente de barco para barco, nem dentro do Arsenal do Alfeite.

No Porto, na Margem Sul do Tejo, principalmente em Almada e Barreiro, em todo o Alentejo; só em Aljustrel foram presas cerca de 50 pessoas, na sua maioria mineiros; em Leiria, Caldas da Rainha, na vila operária da Marinha Grande foram também realizadas numerosas prisões.

Foi, porém, na capital que as for-

ças repressivas, sob o comando da odiada PIDE, desenvolveram os maiores esforços. Só em Lisboa foram presas centenas de pessoas. Foram feitas operações «stop» com o objectivo de localizar quadros clandestinos do Partido e interceptação de possível material de agitação. Rafeiros da PIDE e da PSP à paisana, a pé e de automóvel, montaram estreita vigilância em todas as ruas de Lisboa. Em plena rua, portadores de embrulhos são interceptados por ordens arbitrárias e obrigados a mostrar o conteúdo dos volumes que transportam.

Rusgas policiais, das quais temos conhecimento das realizadas no Rato e Calçada do Combro, onde durante uma hora foram revistados minuciosamente, inclusive os carteiros, os transeuntes que ali passaram. Foram assaltadas casas por simples suspeita, porque os vampiros da PIDE registaram certo movimento de entrada e saída de volumes.

O estudante universitário Luís Sanches é alvejado a tiro, disparado à queima-roupa, pela simples suspeita de ter realizado agitação, e, depois de ferido, é preso e brutalmente agredido.

Mas, apesar de tão intensa repressão e vigilância, das prisões, da violência fascista, das brigadas de agitação, dia atrás dia, cumprem a sua honrosa missão.

AGITAÇÃO EM LISBOA

Em Lisboa, a agitação desempenhou importante papel, na preparação da jornada do 1º de Maio, tendo sido distribuídos centenas de milhares de tarjetas e manifestos. Teve particular destaque a operação audaciosa das brigadas que actuaram do alto do elevador de Santa Justa, na qual foram lançadas, em pleno dia, milhares de tarjetas e manifestos, facto que as agências estrangeiras noticiaram com larga repercussão internacional.

A GREVE DOS ESTUDANTES

Desde as grandes lutas em 1962, os estudantes mantêm-se decididos na sua luta.

O selazarismo, à justa reivindicação dos estudantes por «uma Universidade melhor», responde com a repressão e outras medidas arbitrarias. A intensa acividade estudantil destes dois últimos meses reflecte a firme disposição dos estudantes de conquistarem os seus direitos. Existe hoje na Universidade um poderoso movimento de massas, reivindicativo e democrático, de elevada consciência política, audácia e firmeza. Confirmam-no as manifestações de rua no «Dia do Estudante» em 14 e 15 de Março, confirma-o a acção dos estudantes contra a repressão e a decisão de recorrerem a greves intermitentes até à anulação da suspensão dos dirigentes académicos. No dia 28 de Abril cerca de 78% dos estudantes do Instituto Superior Técnico não foram às aulas, o mesmo fazendo no dia seguinte cerca de 90% dos alunos de Económicas. No dia 2 de Maio foi a vez dos estudantes das Faculdades de Ciências e

Medicina se declararem em greve a qual atingiu, nesta última faculdade, cerca de 100%. Com o mesmo objectivo se concentraram 800 estudantes frente à Reitoria. Em virtude desta luta, os estudantes obtiveram já uma vitória, pois foi autorizado, no Instituto Superior Técnico, a ida às aulas dos estudantes suspensos.

A concentração de 600 estudantes na Cidade Universitária para protestarem contra a prisão e a agressão a tiro pela PIDE de um estudante de Direito, acusado de distribuir panfletos, revela um alto sentido de vigilância e solidariedade.

Todas estas acções e a participação dos estudantes na jornada do 1º de Maio ao lado da classe operária e dos trabalhadores, integram de facto a luta estudantil no movimento nacional antifascista e dão-lhe novas forças.

Para terminar, diremos como o Rádio Português Livre e o 3 de Maio: «Avante, estudantes! Ao vosso lado está o povo português. O caminho da luta é o caminho da vitória».

A LOCUÇÃO DE ÁLVARO CUNHAL NA R.P.L.

A Rádio Portugal Livre transmitiu alocações de vários membros do C. C. do Partido dirigidas à classe operária e a todos os trabalhadores, exortando-os a participarem na grande jornada do 1º de Maio.

Publicamos a seguir o texto da alocação de Álvaro Cunhal.

«Camaradas!

É amanhã o 1º de Maio, dia dos trabalhadores, dia de festa e dia de luta.

Apesar das ameaças, das prisões e aparato policial e militar, o governo fascista não conseguirá impedir que a classe operária comemore o seu dia, não pegando no trabalho, fazendo paralizações, manifestando-se na rua, realizando festas de confraternização.

Amanhã, uma vez mais, ao apelo do seu partido, o Partido Comunista, os trabalhadores portugueses mostrarão estar na vanguarda da luta contra a ditadura.

Operários e camponeses! Jovens de Portugal! Camaradas! Amigos! Irmãos! Adiante com coragem e

confiança por uma grande jornada contra a exploração, contra a fome, contra o terror, contra a guerra! Morra o fascismo! Viva a Liberdade!»

UM ERRO DE ORIENTAÇÃO

Como noutro lado referimos, na organização, agitação e direcção das acções do 1º de Maio cometeram-se alguns erros de orientação esquerdistas, originados pela inex-

periência de alguns organismos do Partido. Estes erros tiveram também origem numa deficiente discussão e controle de execução na aplicação da linha do Partido por parte da Comissão Executiva do Comité Central.

O desvio esquerdista atrás referido teve uma expressão mais saliente nalguns documentos publicados, manifestos e tarjetas, em que se confundem duas coisas completamente diferentes: a organização de acções especiais — que, segundo foi definido pelo Comité Central, devem ser estudadas e organizadas em apoio e estímulo às manifestações de massas, mas inteiramente separadas delas — e a organização das próprias acções de massas que, mesmo quando assume aspectos violentos tem, na actual fase da revolução, um carácter essencialmente pacífico.

Este desvio apareceu mesmo reflectido no «Avante!», no artigo de Março sobre o 1º de Maio,

O APELO DO COMITÉ CENTRAL

Como já referimos no número anterior do «Avante!», o Comité Central do Partido Comunista Português publicou, sob as palavras de ordem: Pão e Trabalho Paz em Angola e na Guiné Amnistia! Liberdade! Democracia!, um vibrante apelo para o 1º de Maio, do qual transcrevemos algumas passagens:

«Trabalhadores da cidade e do campo

O 1º de Maio pertence aos trabalhadores! O 1º de Maio é o nosso! Fomos nós, ano após ano, que fizemos do 1º de Maio o dia mais popular na luta pelo pão, a liberdade e a paz.

Em 1962 e 1963 as grandes lutas e acções de massas nas ruas, nas fábricas, nos campos, nos quartéis e nas escolas, fortaleceram a nossa união, deram-nos mais força e confiança e abriram mais horizontes na luta contra o regime fascista dos monopólios, dos latifundiários e dos imperialistas.

O 1º de Maio une os trabalhadores e o povo português nas suas reivindicações fundamentais.

O desenvolvimento das lutas populares prepara as massas para os combates decisivos contra o fascismo.

Um grande 1º de Maio de luta abre o caminho para novas vitórias dos trabalhadores e do povo...

E, no final, dizia:

«Viva o 1º de Maio, dia internacional dos trabalhadores!

Avante para uma grande jornada de luta do Povo português contra a ditadura fascista!»